

## MORALIDADE, REPRESENTAÇÕES E PROJEÇÕES DE SI DE ADOLESCENTES COM INDÍCIOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

A. M. B. SALLES<sup>1</sup>, H. M. ALENCAR<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo  
andreiamsalles@gmail.com<sup>1</sup>

Artigo submetido em 27/10/2017 e aceito em 11/12/2019

DOI: 10.15628/holos.2019.6481

### RESUMO

Este estudo verificou se havia relação entre as representações de si positivas e os projetos de vida de adolescentes com indícios de altas habilidades/superdotação, bem como analisou se as justificativas para cada relação mencionada apresentavam elementos vinculados à moralidade. Para tanto, fizemos uma pesquisa de campo e, com base no método clínico piagetiano, conduzimos entrevistas individuais e semiestruturadas com 40 jovens de 14 a 18 anos, distribuídos uniformemente quanto ao sexo e tipo de altas habilidades/superdotação (escolar ou criativo-productiva). Os dados foram analisados de forma qualitativa e revelaram relação positiva entre as representações de si e os projetos de vida dos adolescentes, bem como a presença, tanto de

argumentos individualistas quanto relacionados ao autorrespeito, à reciprocidade e à boa convivência coletiva. Concluímos que os participantes possuem a potencialidade de construir personalidades éticas. No entanto, a presença de justificativas com conteúdos não morais e não éticos sinalizam para a necessidade de se trabalhar com questões morais e éticas entre os discentes. Esperamos que nossa investigação coopere com ações psicopedagógicas que motivem representações de si positivas e projetos de vida éticos, assim como incentive outros pesquisadores a investigarem a temática em questão com outros públicos da educação especial e adolescentes de diferentes contextos socioculturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia da moralidade, Representações de si positivas, Projetos de vida, Adolescentes, Altas habilidades/superdotação.

## MORALITY, SELF-REPRESENTATIONS AND PROJECTIONS OF THEMSELVES OF ADOLESCENTS WITH INDICATIONS OF HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS

### ABSTRACT

This study verified if there was a relation between positive self-representations and life projects of adolescents with indications of high abilities/giftedness, as well as analyzed if the justifications for each of mentioned relations had elements related to morality. Therefore, we conducted a field research and, based on the Piagetian clinical method, we conducted individual and semi-structured interviews with 40 youths from 14 to 18 years of age, distributed evenly as regard the sex and type of high abilities/giftedness (schoolhouse or creative-productive). The data were analyzed qualitatively and revealed a positive relation between the self-representations and the life projects of the adolescents, as well as the presence of both individualist arguments

and those related to self-respect, reciprocity and good collective coexistence. We conclude that the participants have the potential to build ethical personalities. However, the presence of justifications with non-moral and non-ethical content signals the need to work with moral and ethical issues among students. We expect our research to cooperate with psychopedagogical actions that motivate positive self-representations and ethical life projects, as well as encourage other researchers to investigate the subject in question with other publics of the special education and adolescents from different socio-cultural contexts.

**KEYWORDS:** Psychology of morality, Positive self-representations, Life projects, Adolescents, High abilities/giftedness.

## 1 INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Altas Habilidades/Superdotação

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2008, define como alunos com as altas habilidades/superdotação (AH/SD) os que apresentam potencial elevado em uma ou mais das seguintes áreas (isoladas ou combinadas): “intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse” (MEC, 2008, p.15). Tal definição aponta para algumas características da superdotação estudadas por Renzulli (2004, 2005). Esse autor considera que as altas habilidades podem ser entendidas através do “Modelo dos Três Anéis”, ou seja, os comportamentos de superdotação resultam da interseção de três traços, sendo estes: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa (motivação) e criatividade em alguma(s) área(s) do conhecimento. Renzulli (2005) enfatiza que um destes traços isoladamente não torna possível o entendimento do que seja a superdotação, sendo necessária a interação dinâmica entre eles. Destacamos que Renzulli “não traz um ‘conceito’ fechado sobre as AH/SD, e sim uma concepção oriunda de suas pesquisas e estudos, desenvolvidos a partir de pesquisas com pessoas denominadas por ele e sua equipe de acadêmicas e criativas/produativas” (Cruz, 2014, p.45).

Renzulli (2005) defende a teoria de que os comportamentos de superdotação desenvolvem-se em algumas pessoas, dentro de certas circunstâncias e em algum momento de suas vidas, sugerindo também um entendimento da superdotação como um processo multifacetado. Nesse sentido, os autores que concebem as altas habilidades como um processo multifacetado entendem “que a inteligência é composta de muitos fatores e habilidades, o que faz com que uma criança possa ter um excelente desempenho em uma área e quase nenhum rendimento em outra” (Virgolim, 2007, p.53). Em razão disso, Renzulli (2004, 2005) propõe um modelo de enriquecimento escolar para todos os educandos que, dentre outros benefícios, encoraje o desenvolvimento de talentos, promova a criatividade, identifique e favoreça/desenvolva/potencialize os comportamentos superdotados. Essa defesa de Renzulli aponta para uma preferência do autor em discutir sobre o desenvolvimento de comportamentos superdotados ao invés do “ser superdotado” (Renzulli, 2005). Por entendermos a superdotação com um processo multifacetado e utilizarmos Renzulli (2004, 2005) como referencial teórico, preferimos utilizar o termo ‘indícios de AH/SD’ ao simplesmente ‘superdotado ou AH/SD’ em nossa investigação. No entanto, para evitar repetições no texto, iremos adotar as palavras superdotado (a), superdotação, altas habilidades e a sigla AH/SD como sinônimos de ‘indícios de altas habilidades/superdotação’.

Além do mencionado anteriormente, Renzulli (2004, 2005) identifica dois tipos de AH/SD, ou seja, a superdotação escolar (ou acadêmica) e a criativo-produtiva. A superdotação escolar ou acadêmica é o tipo mais fácil de ser identificado através dos testes de inteligência que acabam reconhecendo as capacidades mais valorizadas na educação tradicional, ou seja, as habilidades analíticas em detrimento das criativas ou práticas (Renzulli, 2004). A superdotação criativo-produtiva refere-se aos indivíduos com habilidades em desenvolver produtos e materiais de forma

criativa, original e inventiva; segundo Renzulli (2004, p.83) tal classe das AH/SD “descreve aqueles aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de idéias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais platéias-alvo”. O autor também menciona que “as situações de aprendizagem concebidas para promover a superdotação produtivo-criativa enfatizam o uso e a aplicação do conhecimento e dos processos de pensamento de uma forma integrada, indutiva e orientada para um problema real” (Renzulli, 2004, p.83). Renzulli (2005) aponta que a superdotação criativo-produtiva nem sempre pode ser identificada nos testes de inteligência e que algumas pessoas podem apresentar esse tipo de altas habilidades em interação com a escolar e vice-versa.

Além do entendimento do MEC (2008) e de Renzulli (2004, 2005) sobre a superdotação, alguns autores apontam certas características socioemocionais e de liderança percebidas por/encontradas em pessoas com altas habilidades, ou seja, esses indivíduos percebem-se/apresentam, dentre outras características: empatia (Correia, 2011; Lovecky, 1992; Muñoz, 2007; Virgolim, 2007); generosidade e colaboração em relação ao seu conhecimento (Muñoz, 2007); sensibilidade moral (Correia, 2011; Silverman, 1994); habilidades intra e interpessoais (Chagas & Fleith, 2010); tendência a evitar brigas e a defender colegas (Lima, 2008); percepção apurada em relação a injustiças contra si e os outros (Virgolim, 2007); interesse pelos problemas do mundo (Correia, 2011); capacidade de fazer julgamentos e preocupam-se com o que é certo e errado (Lima, 2008); gostam de participar e colaborar com atividades sociais (Lima, 2008). No entanto, a pesquisa de Fortes-Lustosa (2004, p.245) sobre a moral em adolescentes com indicativos de superdotação nas áreas intelectual e acadêmica mostrou “como a moral se expressa de forma altamente singularizada nos indivíduos concretos, de forma que não é possível falar da moral dos superdotados como se esse grupo tivesse características morais, que como grupo o diferencia de outros grupos.”

Gross (1993, conforme citada por Alencar 2007, p.373), observou que educandos “excepcionalmente inteligentes” são muito diferentes dos alunos que não possuem uma inteligência tão elevada em vários âmbitos do desenvolvimento humano (afetivo, moral, social, atitudes, visão de mundo e valores) e não somente na esfera cognitiva. Apesar disso, segundo Alencar (2007), a área cognitiva tem recebido foco em propostas pedagógicas para os alunos com AH/SD e atenção significativamente menor tem sido dada ao desenvolvimento afetivo desses educandos, “como sentimentos, valores, motivação, atitudes e autoconceito” (p. 371-372). De acordo com Alencar (2007), as investigações têm focado mais a área cognitiva das altas habilidades e as necessidades educacionais da população superdotada do que as áreas ligadas à dimensão socioemocional. Destarte, parece não haver dúvidas da necessidade de novas investigações sobre a população com AH/SD, considerando seu desenvolvimento como um todo e não somente o cognitivo. Nesse sentido, La Taille (2007) ressaltou a importância da Psicologia da Moralidade no entendimento do desenvolvimento humano, considerando as suas várias dimensões ao afirmar que o estudo da moralidade auxilia na compreensão do ser humano como um todo, visto que, a moralidade participa da construção de si próprio.

## 1.2 Psicologia da Moralidade, Representações de si e Projetos de vida

Jean Piaget foi o primeiro pesquisador a focar o estudo da moralidade humana sob a perspectiva da pesquisa científica (La Taille, 1994). Suas contribuições continuam a influenciar diversos pesquisadores interessados em entender o desenvolvimento humano e a moral (La Taille, 2007), a construção de projetos de vida ou vitais (Andrade, 2012; D'Áurea-Tardeli, 2011; Damon, 2009; La Taille & Madeira, 2004; Menezes & Trevisol, 2014; Miranda & Alencar, 2015); representações de si (La Taille, 2010; Tognetta, 2009; Tognetta & La Taille, 2008), o lugar que algumas virtudes morais (tais como a generosidade ou a solidariedade) ocupam no universo moral infanto-juvenil (D'Áurea-Tardeli, 2008; D'Áurea-Tardeli, 2011; Tognetta, 2009) entre outros assuntos. Nesse sentido, concebemos como Psicologia da Moralidade a “ciência preocupada em desvendar por que processos mentais uma pessoa chega a intimamente legitimar, ou não, regras, princípios e valores morais” (La Taille, 2006, p.9).

Muitos estudos acerca da moralidade tendem a considerar moral e ética como sinônimos e associados a regras e princípios que inspiram deveres (Tognetta & La Taille, 2008). Nesse sentido, ética estaria relacionada às reflexões e estudos sobre a moral, sendo que essa teria caráter prático e vivencial dos deveres, valores e regras sociais (Tognetta & La Taille, 2008). La Taille (2006, 2016) apresenta uma distinção entre moral e ética que foi útil para a natureza e objetivos desta investigação. Para esse autor, a moral estaria relacionada aos deveres; enquanto a ética, à busca da “vida boa”. Nesse sentido, La Taille (2006, 2016) complementa com a concepção de Ricoeur (2014, p.197) sobre o que seria esta “vida boa” no plano ético, ou seja, “*a verdadeira vida com e para o outro em instituições justas*” (grifos do autor). Referente a tal concepção, Cortella e La Taille (2006) concluíram que

Veja que programa completo: a perspectiva de uma vida boa, em que o outro comparece de duas formas – *com* o outro (seria a idéia de grupo, da cooperação), mas também *para* o outro (que é a idéia da benevolência, da generosidade). E essa definição não esquece a dimensão política: em instituições justas (p.35, grifos dos autores).

À vista disso, Tognetta e La Taille (2008, p.182) afirmam que “os deveres morais somente serão intimamente legitimados e, portanto, inspirarão as ações dos indivíduos para os quais eles são partes integrantes de uma ‘vida boa’, por aqueles, portanto, que possuem uma ética”. Aprofundando tal discussão, recorreremos a La Taille (2006) que discorre sobre o plano moral e ético. O autor afirma que, sob o ponto de vista psicológico, todos os seres humanos são passíveis de experienciar o sentimento de obrigatoriedade que pode receber diversos conteúdos conforme o contexto cultural que vivem. Segundo La Taille (2006), tal sentimento está relacionado com o plano moral, ou seja, com a resposta à pergunta “como devo agir?” (p.31), em que o agir por dever implica uso da consciência ao comportar-se de forma moral. Portanto, esse “saber fazer” pressupõe a compreensão do sujeito acerca das regras, princípios e valores necessários à ação moral, ou seja, a dimensão intelectual. No entanto, para que a conduta moral ocorra, é fundamental que o sujeito deseje agir moralmente, e esse “querer fazer” consoante, ou não, com a moral está vinculado à dimensão afetiva. Referente a isso, La Taille (2016) disserta que “*um indivíduo somente agirá conforme princípios e regras (seja quais forem) se esses fizerem, para ele, sentido no plano ético*” (p.33, grifos do autor).

A fonte enérgica desse querer agir moral tem sido objeto de estudos que articulam o “eu” e a moral (Tognetta & La Taille, 2008). O “eu”, nesse sentido, é entendido como conjunto de representações de si, isto é, imagens de si construídas pelo sujeito (La Taille, 2002, 2004). Tais representações de si, segundo La Taille (2002, 2004, 2006), são valores (no sentido de investimento afetivo) positivos ou negativos e relacionam-se com o olhar do outro que contribui, juntamente a outros fatores, para a construção de valores que participam de tais imagens.

As representações de si, quando de valor positivo, podem estar vinculadas a moral e a ética. No plano ético, as imagens de si relacionam-se com as perguntas “quem eu quero ser?” (La Taille, 2006, p.46) e “que vida eu quero viver?” (p.36), em que o outro juntamente com o si mesmo são considerados na busca da “vida boa”. Sob a perspectiva moral, podemos complementar esta discussão com a tese adotada por La Taille (2002, p.15) que afirma que “as pessoas têm maior probabilidade de pensar e agir moralmente, se os valores morais estiveram, para elas, unidas ao Eu”. Nesse sentido, quando os valores morais estão vinculados às representações de si da pessoa, podemos dizer que essa pessoa possui uma personalidade moral (Jeong & Han, 2013; La Taille, 2016), ou como prefere La Taille (2016), uma personalidade ética, sendo tal vínculo importante para o agir consoante a moral e a ética.

La Taille (2002, 2006) ao referir-se às representações de si de valor positivo também discute sobre os conceitos de autoestima e autorrespeito, entendendo que a autoestima é o “sentimento do próprio valor *quando este não diz respeito à moral: por exemplo, a beleza física, o sucesso profissional, a inteligência, etc*” (La Taille, 2002, p.23, grifos do autor) e o autorrespeito, um aspecto da autoestima que é dirigida pela moral (La Taille, 2006), esse último é essencial para o plano ético de vida, uma vez que o respeito e inclusão do outro só são possíveis quando há o respeito próprio (La Taille, 2006). Nesse sentido, o autor concebe que

*o auto-respeito é o sentimento que une os planos moral e ético, pois ele é, por um lado, expressão da expansão de si próprio – portanto, elemento da “vida boa” –, e, por outro, causa essencial do sentimento de obrigatoriedade – portanto, motivação para a ação moral. Em poucas palavras: respeita a moral quem, ao fazê-lo, respeita a si próprio* (La Taille, 2006, p.56).

O sentimento de expansão de si próprio, assim como as representações de si de valor positivo (em que os valores morais são centrais), pertencem à perspectiva ética e se relacionam com as perguntas “quem eu quero ser?” (La Taille, 2006, p.46) e “que vida eu quero viver?” (p.36), referindo-se, entre outros, aos projetos de vida. Dentro da perspectiva ética que apresentamos, as projeções de si estão vinculadas ao desejo de viver a “vida boa”, com sentido, que possibilite a expansão de si no mundo (que aponta para o autorrespeito e a possibilidade de incluir o outro na procura por uma vida que valha a pena ser vivida) e a busca/manutenção de imagens de si positivas (La Taille, 2010). Concernente à expansão de si próprio, Andrade (2012, pp.122-123) afirmou que se reconhecer “como capaz de atuar sobre o mundo e avaliar as próprias características e necessidades de expansão de si são condições importantes para o reconhecimento do outro como protagonista”, caminho essencial para um projeto de “vida boa”.

Na área da Psicologia da Moralidade, as dimensões morais e éticas também foram estudadas considerando-se as diferenças de juízos, conceitos de si e moralidade entre homens e mulheres.

Estudo significativo com tal abordagem foi o de Gilligan (1982/2003) que verificou que as mulheres apresentam uma ética mais relacionada ao cuidado e os homens à justiça. Com isso, a autora concluiu que as mulheres apresentam uma voz moral diferente da dos homens, em que a empatia, a compaixão, a sensibilidade às necessidades do outro, o cuidado com o outro e o interesse por relacionamentos interpessoais são conteúdos muito presentes nas “vozes” do público feminino. Gilligan (1982/2003, 2014) atribui tal diferença ao ambiente afetivo e cultural em que se desenvolvem as mulheres e os homens, bem como a forma como são definidos os papéis masculino e feminino na nossa sociedade patriarcal.

Concernente a importância de estudos sobre a relação entre as representações e projeções de si, justificamos recorrendo a Bronk (2011), ou seja, os projetos vitais colaboram com o desenvolvimento dos adolescentes, pois as projeções reforçam a formação de identidades e o desenvolvimento da identidade corrobora com o comprometimento dos jovens com seus projetos vitais (Bronk, 2011). Portanto, estudar empiricamente tais relações contribui com a compreensão do desenvolvimento do público adolescente, no nosso caso, dos jovens superdotados.

Diante do exposto nesta seção, interpretamos que a articulação entre as representações de si positivas, os projetos de vida e as perspectivas moral e ética é possível quando na convivência em sociedade, tanto o valor do outro quanto o valor de si mesmo motivam o agir e pensar morais (Tognetta, 2009), bem como são considerados no projeto de felicidade e busca da “vida boa”. Considerando o até então apresentado, questionamos: Há relações entre as imagens de si positivas dos superdotados e os seus projetos de vida? Se afirmativo, tais relações estariam coerentes com as perspectivas moral e ética que apresentamos? Para entendermos melhor tal problema de pesquisa, discorreremos sobre o objetivo e as hipóteses da nossa investigação.

## 2 OBJETIVO E HIPÓTESES

O objetivo deste estudo é analisar as possíveis relações entre as representações de si positivas, por meio do sentimento de admiração de si, e os projetos de vida de adolescentes superdotados, assim como verificar se as justificativas para cada relação mencionada contêm elementos das perspectivas moral e ética. Nossa primeira hipótese é que há relação positiva (no sentido de contribuição) entre as admirações de si dos participantes e grande parte de seus projetos de vida. Isso porque, o sentimento de admiração de si é valor altamente positivo das representações de si (La Taille, 2009) e o ato de valorar a si é “uma experiência fundamentalmente humana, que se encontra no centro de toda escolha de qual vida queremos ter, ... escolher o que é melhor e evitar o que é prejudicial para se chegar à meta colocada” (D’Áurea-Tardeli, 2011, p.86). Levando em consideração o que é apontado por esses autores, bem como algumas pesquisas que abordam sobre as representações de si mencionadas entre os jovens (Tognetta, 2009; Zeidner & Shani-Zinovich, 2015), comportamentos pró-sociais (Padilla-Walker & Fraser, 2014) e os projetos de vida mais comumente elegidos por eles (Damon, 2009; D’Áurea-Tardeli, 2011; Menezes & Trevisol, 2014), temos como segunda hipótese que as admirações de si relativas às características de personalidade, habilidades acadêmicas e de relacionamento serão as mais fortemente vinculadas aos projetos de vida dos superdotados. Assim como, as projeções referentes ao sucesso profissional (formação

acadêmica e atividade profissional) e construção de família estarão mais comumente relacionadas as admirações de si dos nossos participantes.

Nossa terceira hipótese é que os participantes justificarão as relações entre as admirações de si e seus projetos de vida, principalmente com argumentos centrados em si, associados a seus interesses pessoais, à autoestima e ao hedonismo. Concebemos o hedonismo, como no sentido epicuriano, em que a felicidade é buscada através do prazer, evitando-se a dor. Segundo Epicuro (n.d./2002, p.37), “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz”. Tal visão é destoante das perspectivas moral e ética que adotamos, uma vez que em tal busca pelo bem-estar pessoal e a felicidade não há consideração de si próprio relacionado com a dimensão coletiva. O motivo para a terceira hipótese é o contexto cultural capitalista, individualista e imediatista ao qual vivemos, que prima por interesses pessoais, ao invés dos cooperativos (Damon, 2009).

Além da hipótese supracitada, temos como quarta hipótese que os superdotados apresentarão explicações com conteúdos solidários, humanísticos e ligados ao autorrespeito para as relações entre as suas admirações e projeções de si; no entanto, essas não serão maioria. Baseamos tal presunção na pesquisa de D’Àurea-Tardeli (2011) acerca da solidariedade, construção da personalidade moral e projetos de vida de 396 adolescentes, de 16 a 18 anos e de ambos os sexos. De acordo com a autora, alguns de seus participantes (parcela pequena) apresentaram manifestações solidárias em seus discursos. A quarta hipótese também foi elaborada considerando-se o motivo para a terceira hipótese.

Para finalizar esta seção, gostaríamos de destacar a importância social e científica do nosso estudo, ou seja, em meio a uma urgência de estudos na área de AH/SD que enfatizem não só o desenvolvimento cognitivo dos superdotados, nossa investigação contribui apresentando dados e discussões sobre o âmbito moral e ético das representações e projeções de si de adolescentes superdotados. Diante disso, é possível que ações psicopedagógicas que visem a contribuição e motivação de representações de si positivas e projetos de vida éticos entre discentes sejam pensadas e consideradas no âmbito educacional. Posto isso, passemos ao conhecimento sobre a nossa investigação.

### 3 MÉTODO

Nossa investigação é de natureza qualitativa e baseada no método clínico piagetiano (Piaget 1932/1994). Concernente a tal método, entendemos que a sua utilização parte do “pressuposto de que os sujeitos têm uma estrutura de pensamento coerente, constroem representações da realidade à sua volta e revelam isso ao longo da entrevista ou de suas ações” (Delval, 2002, p.70). Portanto, trata-se também de uma pesquisa de campo em que entrevistas individuais e semiestruturadas foram conduzidas, explicaremos melhor sobre isso nas subseções a seguir.

#### 3.1 Participantes

Participaram do estudo 40 jovens com indícios de AH/SD, entre 14 e 18 anos (a média foi de 16,02 anos), distribuídos uniformemente quanto ao tipo de superdotação (escolar ou criativo-produtiva) e ao sexo. Os superdotados eram alunos de escolas públicas, frequentavam o último ano

do ensino fundamental (N=4) ou o ensino médio (N=36), residiam/estudavam em municípios da Grande Vitória/Espírito Santo e recebiam apoio pedagógico de um núcleo de atendimento aos alunos com AH/SD ou atendimento educacional especializado nas instituições de ensino que frequentavam. A seleção dos jovens ocorreu por conveniência, levando em consideração as informações oriundas dos bancos de dados de tais instituições e o referencial teórico de Renzulli (2004, 2005), este último para a divisão dos participantes nas duas classes das altas habilidades; para isso, contamos com o apoio dos educadores das instituições mencionadas. O sexo e o tipo de superdotação não foram objetos de pesquisa de nosso estudo, contudo, separamos igualmente os adolescentes quanto a essas variáveis com a intenção de minimizar possíveis efeitos dessas sobre os resultados. Apesar disso, iremos apresentar os dados que assinalarem diferenças relevantes concernentes aos sexos.

### 3.2 Instrumento e Procedimentos

O instrumento foi construído a partir do objetivo da investigação e das hipóteses apresentadas. Diante disso, em uma entrevista semiestruturada, individual, e baseada no método clínico de Piaget (1932/1994), perguntamos, num primeiro momento, 'O que você admira em si mesmo?'<sup>1</sup>, posteriormente, convidamos os participantes a imaginarem-se no futuro e a responderem a indagação 'Quais são os seus projetos de vida?'<sup>2</sup>. Mediante as respostas para tais questionamentos, perguntamos: 'O fato de admirar em si (retomamos cada resposta à questão sobre as admirações de si) contribui, ou não, para qual/quais dos projetos de vida que mencionou (entregamos um papel com cada projeção listada na questão sobre os projetos de vida)?' Depois disso, solicitamos a justificativa para cada relação indicada.

Cada entrevista foi feita e gravada em formato de áudio nos seguintes locais: escola do participante; ou núcleo de atendimento ao superdotado, ou instituição de ensino superior em que o participante frequentava alguma oficina/projeto relacionada às suas altas habilidades. A autorização para a participação em nossa pesquisa e a gravação da entrevista foi concedida por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa (maiores de 18 anos e responsáveis pelos adolescentes de até 17 anos) e o Termo de Assentimento (jovens de 14 a 17 anos). Todos os termos continham esclarecimentos sobre os objetivos e a natureza da nossa investigação, assim como garantiam a liberdade e o direito do entrevistado de se recusar a participar da pesquisa. As instituições que participaram da nossa investigação também assinaram o Termo de Consentimento Institucional para Realização da Pesquisa, neste concordaram na participação de seus alunos no nosso estudo e da realização das entrevistas em suas dependências físicas.

Asseguramos que todos os tipos de informações que possam identificar os participantes desta pesquisa, seus responsáveis e instituições que frequentam estão mantidos sob sigilo e armazenados conforme o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005) e a Resolução Nº 466 (Conselho Nacional de Saúde, 2012). Portanto, iremos utilizar nomes

<sup>1</sup> Os dados coletados por meio de tal indagação estão analisados em Salles e Alencar (2018a).

<sup>2</sup> Os resultados obtidos a partir de tal questionamento estão apresentados e discutidos em Salles e Alencar (2018b).

fictícios quando apresentarmos os relatos dos superdotados durante a explanação dos resultados. Enfim, para que fosse possível a condução da nossa pesquisa, um projeto com todas as informações sobre a investigação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus Goiabeiras, parecer nº 1.145.384.

### 3.3 Tratamento dos dados

Analisamos os dados de forma qualitativa. Isso facilitou que a riqueza dos dados levantados durante a entrevista, por meio do método clínico piagetiano, fosse investigada e analisada. Essa natureza metodológica permitiu que durante a análise dos dados seguissemos alguns passos da sistematização sugerida por Delval (2002). Ou seja, as entrevistas foram transcritas na íntegra; com base nessas entrevistas, protocolos foram criados e lidos com o intuito de elaborarmos as categorias das respostas e justificativas dos adolescentes. As categorias elaboradas estão apresentadas e analisadas nos “Resultados e Discussões”.

As categorias foram estabelecidas levando-se em consideração os argumentos dos superdotados, a teoria e pesquisas na área da moralidade, principalmente os estudos de Andrade (2012); Andrade, Alencar e Salles (2018); D’Áurea-Tardeli (2011); La Taille e Madeira (2004); Menezes e Trevisol (2014); Miranda e Alencar (2015) e, Tognetta (2009). Concernente à direção dos dados para as categorias elaboradas, tivemos a contribuição de um terceiro juiz nos casos em que houve divergência entre nós quanto a tal direcionamento. Pontuamos que o percentual de 20% ou superior foi adotado para o destaque e a análise das diferenças relevantes quanto ao sexo. Por fim, informamos que alguns participantes apresentaram mais de uma resposta para suas admirações de si e seus projetos de vida, bem como mais de uma justificativa para cada relação entre suas imagens e projeções de si.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciaremos esta seção fazendo menção às respostas das indagações sobre o que os superdotados admiram em si, e depois, quais os seus projetos de vida. Após isso, abordaremos os resultados e discutiremos os dados referentes às relações entre tais representações e projeções de si. Posto isso, concernente ao questionamento sobre o que os participantes admiravam em si, verificamos que os superdotados apresentaram imagens de si (N=134) com os seguintes temas: ‘traços de caráter convencionais’ (N=37; 28% - citação às características do caráter socialmente estereotipado, como: extrovertido, determinado, calmo); ‘habilidades interpessoais’ (N=31; 23% - menção ao relacionamento positivo com pessoas conhecidas, grupos de pessoas e/ou desconhecidos); ‘habilidades acadêmicas’ (N=21; 16% - referência à aptidão acadêmica, facilidade de aprendizagem, memorização, concentração e atenção); ‘dimensão moral’ (N=16; 12% - admiração de suas virtudes morais); ‘habilidades artísticas’ (N=14; 10% - menção às suas habilidades literárias, musicais, teatrais, na área das artes plásticas e dança); ‘cuidado de si’ (N=11; 8% - reconhecimento de suas atuações e/ou formas de ser que proporcionam saúde física, social e psicológica), e, ‘características físicas’ (N=4; 3% - valorização de suas características físicas, tanto as visíveis como a beleza física; quanto as audíveis como a voz) (Salles & Alencar, 2018a, p.129).

Após o questionamento sobre as admirações de si, os participantes responderam à pergunta sobre quais eram os seus projetos de vida. Acerca disso, os adolescentes apontaram projeções (N=229), associadas com os temas: “‘formação acadêmica’ (N=57; 24,9%), ‘atividade profissional’ (N=56; 24,5%)”, “‘relacionamentos afetivos’ (N=36; 15,7%)”, “‘bens materiais’ (N=26; 11,4%), ‘viajar’ (N=15; 6,5%), ‘morar em outro país/cidade e/ou sozinho’ (N=12; 5,2%), ‘contribuições para sociedade’ (N=11, 4,8%), ‘qualidade de vida’ (N= 10; 4,4%) e ‘hobby’ (N=6; 2,6%)” (Salles & Alencar, 2018b, pp.504-505). Subsequentemente, perguntamos aos superdotados sobre a correspondência, ou não, de suas admirações e projeções de si, e as justificativas para cada relação, ou não, apresentada. Passemos, então, aos resultados e discussões dos dados que encontramos referente a essas relações.

No que concerne ao questionamento sobre o que os superdotados admiram em si hoje (representações de si positivas) contribuem para o que desejam ser amanhã (projetos de vida) encontramos que das 134 admirações de si mencionadas em pergunta prévia, 132 foram apontadas como contribuidoras para os projetos de vida dos superdotados (não a totalidade dos projetos, pois houve projeções que não foram assinaladas). As outras duas admirações de si foram consideradas, por dois adolescentes, como indiferentes para todos os seus projetos de vida; portanto, nem contribuía e nem deixavam de contribuir para as suas projeções. Este artigo focará sua análise nos resultados referentes às admirações de si apontadas como contribuidoras para as projeções dos jovens. Posto isso, nossos dados sustentam nossa primeira hipótese de relação positiva, no sentido de contribuição, entre as admirações de si dos participantes e grandes escalas de seus projetos de vida. Nesse sentido, podemos afirmar que as admirações de si como valores altamente positivos das imagens de si (La Taille, 2009) estão fortemente relacionadas aos projetos de vida, uma vez que valorar a si está associado a escolher qual vida se quer ter, optando-se pelo melhor e preservando-se do que pode prejudicar o alcance do almejado (D’Áurea-Tardeli, 2011). E como afirmou Bronk (2011), os projetos vitais e a formação da identidade de adolescentes estão interrelacionados e participam juntos do que é significativo para eles. Falta-nos saber quais dessas admirações e projeções de si estão mais frequentemente relacionadas.

No que tange a relação positiva entre as admirações de si e os projetos de vida, encontramos que as imagens de si associadas com os temas ‘traços de caráter convencionais’ (N=113; 29%), ‘habilidades interpessoais’ (N=86; 22%) e ‘dimensão moral’ (N=64; 17%) foram as mais frequentemente relacionadas aos projetos de vida. Tais achados corroboram, parcialmente, com a nossa segunda hipótese de que os superdotados apontariam na relação em questão os ‘traços de caráter convencionais’, as ‘habilidades acadêmicas’ e as ‘habilidades interpessoais’ em maior número.

Alusivo aos nossos dados e outras pesquisas que encontramos, estudo sobre a estrutura da identidade com o público adolescente evidencia uma evolução, com a idade, na menção aos traços de personalidade entre os adolescentes (12 a 16 anos) quando falam sobre si mesmos (citado em Tognetta, 2009, p.182), e, no tocante ao comportamento pró-social, abordagens teóricas relacionais apontam que tal público é mais inclinado a comportar-se de forma pró-social com aqueles com quem tem contato afetivo (Padilla-Walker & Fraser, 2014). No que diz respeito à dimensão moral, alguns autores mencionam algumas características socioemocionais encontradas em superdotados

que consideramos relacionadas com as virtudes morais (Correia, 2011; Lima, 2008; Lovecky, 1992; Muñoz, 2007; Silverman, 1994; Virgolim, 2007). Os achados de Correia (2011), também colaboram com os nossos resultados, pois, segundo a autora, os superdotados de sua investigação apresentaram “grandes preocupações com questões éticas em vários segmentos da sociedade”(p.76) e “sensibilidade moral frente a questões mundiais e humanitárias”(p.76). Então, diante dos nossos achados e dos estudos apresentados, não é totalmente inesperado que os superdotados apresentem tais admirações de si relacionadas aos seus projetos.

Ainda referente à relação entre as imagens e projeções de si, encontramos que um total de 387 projetos foram relacionados com as admirações de si, sendo os mais frequentes do tipo ‘atividade profissional’ (N= 111; 29%), ‘formação acadêmica’ (N=94; 24%) e ‘relacionamentos afetivos’ (N=68; 18%). Dentre esses, os projetos de vida com o tema ‘atividade profissional’ foram os mais relacionados às admirações de si do tipo ‘traços de caráter convencionais’ e ‘habilidades interpessoais’, e as projeções de si com o tema ‘formação acadêmica’ mais fortemente relacionado com as representações de si do tipo ‘traços de caráter convencionais’ e ‘habilidades acadêmicas’. Esses achados demonstram que os nossos participantes valorizam em si suas características pessoais, habilidades de relacionamento com o outro e suas habilidades acadêmicas vinculadas aos projetos de estudo que possibilitem a entrada no mercado de trabalho e corroborem com a constituição de uma família e/ou auxílio a existente.

No tocante às investigações sobre os projetos de vida mais comumente elegidos por jovens, encontramos que os adolescentes pesquisados por Menezes e Trevisol (2014, p.13) também mencionaram projetos de vida com escolhas similares aos nossos participantes, ou seja, eles elegeram projeções relativas à ‘estudar/formar-se’, possuir ‘profissão e emprego’, ter ‘boa relação com os amigos’, ‘constituir uma família’ e ‘ser independente’. Nossos dados corroboram com nossa segunda hipótese de que as admirações de si dos nossos participantes estariam fortemente relacionadas com seus projetos de vida vinculados ao sucesso profissional (atividade profissional e formação acadêmica) e afetivo (constituir família).

Referente ao ora discorrido, constatamos que as valorizações de si relacionadas com as características de personalidade e habilidades interpessoais estavam fortemente vinculadas as projeções de sucesso profissional (formação acadêmica e atividade profissional) e afetivo (constituir família), atrelados, em alguns momentos, com às virtudes morais (‘dimensão moral’). Diferente do que supúnhamos com a nossa segunda hipótese, as imagens de si associadas às ‘habilidades acadêmicas’ não estavam entre as admirações de si mais apontadas pelos jovens na relação com seus projetos. No entanto, isso não quer dizer que os superdotados não as mencionaram.

Nossos participantes também apontaram as ‘habilidades acadêmicas’ (N=46; 12%) relacionadas aos seus projetos de vida, no entanto, em número menor do que as admirações de si com os temas ‘traços de caráter convencionais’/‘habilidades interpessoais’/‘dimensão moral’. No tocante as valorizações de si associadas às ‘habilidades acadêmicas’ em jovens superdotados, a investigação de Zeidner e Shani-Zinovich (2015) com o público em questão e seus pares não superdotados, aponta que se comparados com os adolescentes típicos, os superdotados possuem altos níveis de autoconceito acadêmico. Portanto, admirar suas ‘habilidades acadêmicas’ é expectável nos jovens com altas habilidades, mas considerávamos, com a nossa segunda hipótese,

que isso ocorreria em uma frequência maior que a admiração de sua ‘dimensão moral’ e demais imagens de si apontadas em menor número na indagação sobre o que admiravam em si.

Diante do que encontramos, parece que valorizar em si suas virtudes morais e associá-las a alguns de seus projetos de vida sugere que os superdotados talvez apresentem uma personalidade ética (La Taille, 2016), pois demonstraram em suas respostas que as virtudes morais estavam unidas a algumas de suas imagens de si positivas e relacionadas aos seus projetos de “vida boa”. Apesar do encontrado, os dados, até então apresentados, não são suficientes para nosso entendimento sobre as perspectivas moral e ética no discurso dos superdotados. Resta-nos analisar as justificativas para tais relações e conferir seus significados, motivações e inclinações éticas, ou não. Para tanto, tendo como referência a figura 1, analisaremos separadamente, em tópicos, cada categoria elaborada a partir das justificativas apresentadas para a relação entre as representações de si positivas e os projetos de vida dos participantes. Finalizaremos esta seção com uma análise geral.

**Figura 1** – Categorias das justificativas para a relação entre as representações de si positivas e os projetos de vida dos participantes

CATEGORIAS DAS JUSTIFICATIVAS	GERAL	
	Número	%
AUTOCENTRADO	288	57
CONECTADO	197	39
AUTOCENTRADO COM A POSSIBILIDADE DE EXPANSÃO DE SI	19	3,8
DADO PERDIDO	01	0,2
<b>TOTAL</b>	<b>505</b>	<b>100</b>

#### 4.1 Autocentrado

Os adolescentes de nossa pesquisa apresentaram maioria das justificativas com conteúdos centrados em si, associados à autoestima, interesses próprios e de cunho hedonista para a relação entre suas admirações de si e seus projetos de vida. Classificamos explanações desse tipo como ‘autocentrado’, visto que o foco está no individual sem evidência de conexão com o outro e de forma a favorecer a coletividade, e sem menção aos valores morais. Nessa classe de justificativas, o outro quando mencionado o foi como meio para a aquisição de algo pretendido pelo participante que, precipuamente, estava ligado à sua ambição individual. Podemos esclarecer isso recorrendo às falas de Lucas (16 anos, relação entre admirar em si ter foco e o projeto de vida de possuir sucesso através de uma banda de rock): *“Porque ... se você tem foco de onde você quer chegar, consegue traçar os objetivos e fazer com que eles aconteçam, para ter algum destaque ou ser uma banda bem-sucedida”*, e, Kelly (16 anos, relação entre admirar em si o dom de saber conversar respeitosamente com as pessoas e querer ser tratada da mesma forma, e o projeto de vida de *“aprender a lidar com o estresse”*):

*Porque as pessoas de certo modo servem para desabafo, acho que as pessoas além de serem feitas para poderem conviver no mundo, acho que elas foram feitas também para*

*aguentarem o desabafo das pessoas. Então vou precisar de pessoas para desabafar, para aprender a lidar com o meu estresse. Preciso de psicólogos, médicos para poderem me mostrar o que é melhor, para eu poder me acalmar mais, para não ficar estressada com coisas inúteis.*

Como mencionamos anteriormente, nas justificativas do tipo 'autocentrado', a menção ao outro pelo superdotado o foi com o intuito de alcançar o pretendido, sem qualquer evidência de preocupação com a condição humana do outro e com a reciprocidade. Isso parece um dos indícios de uma sociedade individualista e competitiva que prioriza o sucesso e os interesses próprios em detrimento do bem coletivo (Damon, 2009). As explicações de tal tipo não são morais e éticas porque não incluem o outro de forma a vincular o individual com o coletivo, a valorizar a equidade, a solidariedade, os valores morais, a humanidade e o convívio em instituições justas (Ricoeur, 2014). Os discursos com tal teor assinalam para a valorização de imagens de si relacionadas à projetos de vida por motivos individualistas, ligados a satisfação pessoal e com elementos da autoestima.

Assim como em nosso estudo, La Taille e Madeira (2004) encontraram justificativas do tipo 'autocentrado' nos discursos dos jovens de sua pesquisa sobre a legitimação de atos violentos e a moralidade. Os pesquisadores verificaram que 63% das falas dos participantes continham argumentos centrados em si em que o outro, quando mencionado, o foi de forma instrumental, sem qualquer consideração pela sua humanidade e alteridade. La Taille e Madeira (2004) constataram também que os motivos da classe 'autocentrado' carregavam conteúdos ligados aos interesses pessoais e às necessidades individuais dos jovens.

Quando verificamos as justificativas do tipo 'autocentrado', constatamos que as admirações de si mais relacionadas com os projetos de vida foram do tipo 'traços de caráter convencionais' (N=110; 38%), 'habilidades acadêmicas' (N=53; 18%) e 'cuidado de si' (N=43; 15%). No que concerne às projeções, os temas 'atividade profissional' (N=101; 35%) e 'formação acadêmica' (N=87; 30%) foram os mais comuns na relação com as representações de si positivas. No tocante a isso, observamos que os argumentos dos participantes assinalaram, principalmente, a conquista profissional possibilitada por meio da formação acadêmica e de suas características de personalidade (foco, determinação, motivação, entre outros), que aliadas às suas destrezas cognitivas, principalmente a inteligência, são entendidas pelos superdotados como proporcionadoras de satisfação pessoal, segurança financeira, sentimento de autoestima, prazer pelo conhecimento e reconhecimento social no futuro. Somados a isso, notamos que os adolescentes de nossa investigação também primaram pelo cuidado pessoal, no sentido de valorizarem o olhar de si sobre sua saúde física e psicológica, e veem isso como importante no alcance de seus objetivos futuros. Como exemplos disso citamos alguns relatos dos nossos participantes: *"Porque acho que é ali que tenho que estar. Acho que as pessoas, as técnicas que vou aprender ali vão ajudar bastante para eu ter esse equilíbrio emocional"* (Sérgio, 17 anos, relação entre admirar em si sua busca pelo equilíbrio emocional e o projeto de vida de cursar artes na universidade).

*Porque a facilidade de aprender está muito ligada aos estudos, a partir dos estudos você faz uma faculdade e terá um bom emprego, se você for empregado de alguma empresa...se você tem um bom estudo, com a facilidade de aprender, você pode fazer algum vestibular e passar*

*em alguma faculdade, isso que é o objetivo, assim, você estudar. Quantos tem facilidade de aprender? Você estuda, passa em algum vestibular e faz faculdade... quando você faz faculdade, você tem um curriculum completo, é só agora uma empresa te chamar para você fazer entrevista e passar (Marcos, 16 anos, relação entre admirar em si a facilidade de aprendizagem e o projeto de vida de ter um bom emprego na área de engenharia).*

*Porque vou precisar de muita determinação, muita paciência para isso, porque vai ter que ser uma coisa extraordinária de fato. E todas as pessoas que são consideradas importantes precisaram de muitos anos pesquisando e estudando para chegar onde chegaram, então precisaram de muita determinação para isso (Mônica, 16 anos, relação entre admirar em si sua determinação e o projeto de vida de ser uma pessoa importante no ramo da astronomia).*

Na classe de justificativas que estamos discutindo, falas dos participantes sobre suas admirações e projeções de si com desejos de uma vida melhor, valorizações de sua saúde física e psicológica, aspirações de sucessos profissional e pessoal não são condenáveis e nem indesejáveis de se encontrar no público jovem. O que chamamos atenção é quando tais ambições individualistas se tornam centrais e são maioria nas relações entre as imagens e projeções de si. Nesse sentido, complementamos com a citação de Tognetta (2009, p.91) que “se concordamos que moral é conservação de valores, poderíamos dizer que a personalidade bem definida é aquela cujos nuances de ações não morais são menores que as ações, que, na maioria das vezes, são tidas como morais.”

Também encontramos referência ao entendimento da felicidade como algo totalmente privado e hedonista, portanto, não relacionado ao conceito de ética que apresentamos (La Taille, 2006, 2016). Com esses tipos de argumentos, os nossos participantes parecem apresentar “euforia talvez, prazeres talvez, mas ‘vida boa’, pelo jeito, não” (La Taille, 2016, p.39). Apesar disso, as justificativas centradas em si não foram totalidade nos motivos dos superdotados, e não apareceram (quando comparadas com as explanações que iremos discorrer na próxima subseção), com porcentagem relevante para afirmarmos que foram os conteúdos mais comuns na relação entre as admirações e projeções de si de nossos participantes. Destarte, os dados acerca dos conteúdos do tipo ‘autocentrado’ não sustentam nossa terceira hipótese de que seriam principais nos motivos dos superdotados. Para entendermos melhor isso, precisamos conhecer as classes de justificativas que expressam elementos vinculados às perspectivas moral e ética, ou seja, os conteúdos solidários, humanísticos e ligados ao autorrespeito. Portanto, passemos ao conhecimento da segunda categoria mais comum nos argumentos dos nossos participantes.

## 4.2 Conectado

Consideramos motivos do tipo ‘conectado’, aqueles que denotam preocupação e interesse pelo outro como alguém de valor, em que sua humanidade e alteridade são levadas em conta pelos superdotados ou, no caso dos animais e envolvimento com um ser transcendental, o respeito, o amor e a atenção no contato ou relacionamento são primados. Esse outro pode ser uma pessoa de convívio próximo, distante ou um desconhecido, grupos de pessoas ou a sociedade em geral, bem como animais ou Deus (no caso, valorização do relacionamento com o divino). A categoria de justificativas do tipo ‘conectado’ possui elementos solidários, humanísticos e coerentes com as perspectivas ética e moral, uma vez que a busca pela “vida boa” só é possível quando inclui o outro

enquanto fim em si mesmo, valorizando referenciais humanistas e a cooperação (La Taille, 2006, 2016).

Todos os motivos da classe ‘conectado’ apontaram para argumentos que articularam o individual ao coletivo, ou seja, os participantes tinham uma imagem de si enquanto uma pessoa com interesse em ajudar o outro, que considera a opinião dos que ama, alguém que percebe em sua vocação e habilidade um motivo para auxiliar o outro, que tem respeito pelos animais e que valoriza a conexão com a espiritualidade. Isso sugere relações entre admirações e projeções de si em que a conexão com o outro está para além do privado e possui características altruístas, cooperativas e solidárias. Como exemplos disso, citamos os seguintes relatos: “*Porque, se tenho essa facilidade de querer ajudar outras pessoas, então vou querer ajudar a humanidade, obviamente. Então isso contribui para poder fazer um projeto, criar um projeto que realmente ajude outras pessoas*” (Heitor, 17 anos, relação entre admirar em si o fato de ajudar as pessoas sem interesse pessoal e sua projeção de inventar algo que contribua com a humanidade).

*Porque acho que a gente precisa ter muita paciência para ter uma família, porque a gente ve que são pessoas que vivem sempre, que têm o mesmo laço, mas que têm personalidades diferentes, têm pensamentos diferentes. Então acho que ser uma pessoa tranquila, dentro de uma família, ajuda porque mesmo que aconteça uma discussão, ou então aconteça de...algum conflito, a tranquilidade ajuda a resolver tudo. Então acho que vou conseguir ter uma família, e ser uma pessoa tranquila vai ajudar essa família a se desenvolver, a ter um relacionamento bom, então acho que a tranquilidade ajuda nisso* (Michele, 17 anos, relação entre admirar em si sua tranquilidade e seu projeto de vida de constituir família).

*Porque mexer com animal... Porque animal tem um instinto totalmente diferente do nosso, na mesma hora que ele está bem, ele ve algo diferente, ele se alerta todo, você precisa saber direitinho mexer com ele para você não pegar em nenhuma parte dele e ele ficar mais feroz com você, então você precisa ser paciente com ele, dar amor, dar carinho para ele ver que você é amigo dele* (Iracema, 15 anos, relação entre admirar em si sua paciência e seu projeto de vida de cursar veterinária).

Comparando os resultados de nossa pesquisa com os de Miranda e Alencar (2015), e D’Áurea-Tardeli (2011), consideramos que os adolescentes de nossa investigação, assim como os do estudo de Miranda e Alencar (2015), apresentaram discursos com valores éticos e morais e que na busca pela vida com sentido, “vida boa”, o outro é levado em consideração. Embora tal categoria não estivesse presente em mais da metade das respostas e justificativas dos superdotados, como no caso dos participantes da investigação de Miranda e Alencar (2015), a inclusão do outro como protagonista (e não de forma instrumental) sugere que valores morais associados à boa convivência entre pessoas fazem parte dos anseios, preocupações, considerações e da missão para com o outro dos participantes com altas habilidades. Nos argumentos dos superdotados, ao contrário do encontrado por D’Áurea-Tardeli (2011) em seu estudo, o outro mencionado não se trata, na maioria das vezes, de alguém próximo ou familiares, mas também um desconhecido, animais, Deus, grupo(s) e sociedade em geral. Portanto, nossos participantes apresentaram explicações para a relação de suas admirações e projeções de si em que o outro considerado é alguém para além das relações afetivas e, assim como os jovens da pesquisa de Miranda e Alencar (2015), com vistas à boa convivência em sociedade.

Quando analisamos as justificativas do tipo ‘conectado’, constatamos que as admirações de si mais relacionadas com os projetos de vida foram as do tipo ‘habilidades interpessoais’ (N=88; 45%), ‘dimensão moral’ (N=54; 27%) e ‘traços de caráter convencionais’ (N= 31; 16%). No que concerne às projeções, os temas ‘relacionamentos afetivos’ (N=69; 35%), ‘atividade profissional’ (N=44; 22%) e ‘contribuições para a sociedade’ (N=28; 14%) foram as mais frequentes na relação com as representações de si positivas. As relações entre as admirações de si e seus projetos de vida, bem como as justificativas para tais, assinalam que os superdotados valorizaram seus atributos de caráter e habilidades de relacionamento com pessoas de diferentes graus de vínculos e desconhecidos, bem como suas virtudes morais, principalmente a empatia, a bondade, o respeito, a alteridade e a paciência com o outro (com que tem, ou não, vínculo). Tais valorizações de si aparecem relacionadas aos seus projetos de “vida boa” com o outro em que uma sociedade de instituições justas (La Taille, 2016; Ricoeur, 2014) tem enfoque principal. Tais dados parecem apontar para a possibilidade de os superdotados possuírem uma personalidade ética, visto que suas virtudes morais se mostram vinculadas às suas admirações e projeções de si.

Referente a análise supramencionada, verificamos que os motivos conectados expressaram a consideração e a atenção, preferencialmente, com a sociedade em geral (das explicações de conexão com o outro, 95 referiam-se a sociedade como um todo, perfazendo 48% das justificativas conectadas); mas também houve a demonstração de interesse em apoiar/cuidar da família existente e futura (N=65; 33%); em possuir uma relação recíproca com amigos, colegas e outras pessoas próximas que não eram parte da família (N=32; 16%); de manter e fortalecer o relacionamento com Deus (N=3; 2%); e, de cuidar e zelar pelo bem-estar dos animais (N=2; 1%). Os relatos de nossos entrevistados sugerem que suas imagens de si estão atreladas às suas projeções com intenção de contribuir para um mundo melhor para si e seu semelhante; em que há espaço para o respeito aos animais; em que há lugar para o exercício da cidadania e da solidariedade. Mundo esse, em que suas características de personalidade, suas virtudes morais e habilidades pessoais possam auxiliar no relacionamento recíproco com o outro (mesmo o desconhecido).

As explicações da classe ‘conectado’, também demonstraram o desejo dos superdotados em utilizarem suas habilidades acadêmicas para alcançar a profissão almejada, mas com o intuito de estarem mais bem preparados para ajudar ao próximo ou aos animais. Isso, através da atividade profissional, do voluntariado, da criação de organizações não-governamentais e/ou invenções/projetos para o bem-estar da sociedade em geral. Para ilustrar o mencionado, citamos o argumento de Angélica (17 anos, relação entre admirar em si sua empatia e seu projeto de ajudar ao próximo por meio da medicina):

*Quando você se coloca no lugar do outro, você tenta ver a situação que aquela pessoa está passando. E na medicina a gente precisa de ter essa empatia. Tanto que hoje em dia as pessoas estão reclamando dos médicos, porque são médicos totalmente sem ... digamos que acho que empatia tem a ver com sensibilidade, e são médicos insensíveis, e o paciente acaba não tendo aquele atendimento esperado. O que é ser médico? Não é só chegar no consultório, saber o que o paciente tem e atender. É eu conhecer você, você me contar sua vida, para eu saber o que você está passando, para eu ter essa empatia, me colocar no seu lugar e poder procurar a melhor forma de poder estar te ajudando.*

Passemos agora para a discussão das justificativas categorizadas como ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’.

### 4.3 Autocentrado com a possibilidade de expansão de si

Explicações do tipo ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’ revelam as buscas e anseios de atuar no mundo dos adolescentes, assim como o respeito para com eles mesmos. Como exemplos de tal classe, citamos as falas de Michele (17 anos, relação entre admirar em si sua liberdade e seu projeto de viajar para o exterior): “*Porque acho que a liberdade me ajuda a absorver a cultura desse país, que é diferente da minha, sem preconceito, sem restrição, e compreender também.*” E, Paulo (18 anos, relação entre admirar em si ser detalhista e a sua projeção de cursar sociologia):

*Porque nas ciências sociais a gente vai trabalhar com o social e também como o indivíduo se coloca no social, e acho que o detalhe é muito importante, no sentido de analisar, conhecer um pouco da história que estava no passado, e se projetar no presente e para o futuro... a história de como caminhou a sociedade, do que vem acontecendo, então o detalhe pode ser importante.*

Os resultados encontrados indicam uma perspectiva ética nos argumentos dos participantes, revelando o desejo de “expansão de si próprio” que é um dos aspectos importantes para a busca da “vida boa”. Referente a isso, La Taille (2006) afirma que o sentimento de expansão de si próprio é importante para o plano ético e possibilita que a pessoa experiencie o sentimento de bem-estar subjetivo, bem como a motiva a buscar a felicidade, a “vida boa”. Os dados encontrados nas explicações do tipo ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’ sugerem que os adolescentes reconheciam a si próprios como pessoas com capacidade para agir e expandir-se no mundo, com autorrespeito, este considerado por La Taille (2006) vinculado à moral, uma vez que só é possível respeitar ao semelhante quando há respeito próprio (La Taille, 2006).

Considerando o mencionado anteriormente, resultados equivalentes foram encontrados na pesquisa de Andrade (2012) com população de surdos matriculados no ensino superior, ou seja, a autora verificou que seus participantes também exibiram argumentos com elementos autorreferenciais que apontaram para uma necessidade subjetiva de expansão de si e para o autorrespeito. Segundo Andrade (2012), tais elementos, embora do tipo ‘autocentrado’, apresentaram conteúdos de reconhecimento de si positivos, em que o outro não foi mencionado, no entanto, isto não quis dizer que suas afirmações estavam desvinculadas do plano moral e ético, mas que sinalizavam para a potencialidade de expansão de si próprios. Diante disso, Andrade (2012) afirmou que se reconhecer como alguém com potencialidade para agir no mundo e analisar seus atributos, bem como desejar expandir-se no mundo, são requisitos importantes para a pessoa reconhecer o outro como fim em si mesmo e não como meio para se conquistar o pretendido.

Concernente às relações entre as admirações de si e os projetos de vida nas explicações do tipo ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’, constatamos que as imagens de si do tipo ‘cuidado de si’ (N=6; 32%), ‘traços de caráter convencionais’ (N=5; 26%) e ‘dimensão moral’ (N=5; 26%) apareceram em maior número. E, que as projeções com os temas ‘qualidade de vida’ (N=6; 32%) e ‘formação acadêmica’ (N=5; 26%) foram as mais frequentes. Quando analisamos as

justificativas do público masculino e do feminino, verificamos que as adolescentes, além dos temas mencionados anteriormente, também apontaram a ‘atividade profissional’ como uma das projeções mais comumente ligadas às suas representações de si positivas.

Os nossos resultados sugerem que os superdotados, de uma forma geral, apresentaram amor pelo conhecimento; motivação psicológica em desenvolver-se pessoalmente, investir em seu futuro profissional através de uma formação acadêmica, projetar-se no futuro de maneira a experimentar o sentimento de bem-estar subjetivo, completude e equilíbrio emocional; isso com vistas a uma qualidade de vida melhor, em que o cuidado de si, principalmente o psicológico, é valorizado. Além disso, os participantes também reconheciam a si próprios como pessoas com capacidade para atuar no mundo, em que o olhar sobre si mesmos, juntamente com suas virtudes morais, sugeria a perspectiva de contribuir com o projeto da “vida boa” para si e para o outro. Tais formas de perceberem a si próprios e articulá-las com suas projeções futuras e com as suas virtudes morais, sugerem potencialidade de formação da personalidade ética nos superdotados. Como vimos na introdução, quando as virtudes morais se encontram relacionadas com as imagens de si da pessoa, é possível que a mesma possua uma personalidade ética (Jeong & Han, 2013; La Taille, 2016). Sendo isso significativo e um indicativo da possibilidade de a pessoa vir a agir conforme a moral e a ética.

Os dados apresentados e discutidos em relação as categorias ‘conectado’ e ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’ não sustentam a nossa quarta hipótese da existência de proporção bem menor de conteúdos solidários, humanísticos e ligados ao autorrespeito nas justificativas que relacionam as admirações de si e os projetos de vida dos superdotados. Apesar dos motivos do tipo ‘conectado’ e ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’ aparecerem em pouco menos da metade de tais relações, isso não significa que apresentaram uma diferença relevante, da ordem de 20% ou mais, em relação aos resultados das explanações do tipo ‘autocentrado’. Portanto, levando em consideração os achados sobre as justificativas para as relações em questão, os resultados indicam que os superdotados apresentaram, sem diferenças relevantes, tanto motivos individualistas, associados à autoestima e ao hedonismo quanto as perspectivas moral e ética, com conteúdos vinculados às virtudes morais, ao sentimento de expansão de si próprio, ao autorrespeito, com o olhar em prol da coletividade e boa convivência em sociedade (consideramos a soma dos dados concernentes às categorias ‘conectado’ e ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’).

Segundo Tognetta (2009), quando o valor do outro e o valor de si mesmo estão presentes nas imagens de si, o agir e pensar morais são considerados na convivência em sociedade. Portanto, no projeto de felicidade e busca da “vida boa”, aspectos do plano ético e moral. Os adolescentes pesquisados não demonstraram tais características em seus discursos do tipo ‘autocentrado’, visto que estes continham conteúdos que apontavam para a satisfação pessoal e a autoestima. No entanto, encontramos os elementos ético e moral nos seus argumentos categorizados como ‘conectado’ e ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’. As justificativas em tais classes indicaram que os superdotados estavam preocupados em desenvolver-se pessoalmente, de investir em seu futuro profissional, de projetar-se no futuro e expandir-se na busca pela qualidade de vida, bem como estavam atentos para a construção de um projeto de felicidade, “vida boa”, com o outro.

Em nossa introdução, apresentamos alguns estudos que indicaram algumas características socioemocionais encontradas em indivíduos com AH/SD (Correia, 2011; Lima, 2008; Lovecky, 1992; Muñoz, 2007; Silverman, 1994; Virgolim, 2007) que consideramos associadas com as virtudes morais. Dentre as características mencionadas pudemos identificar nos argumentos dos nossos participantes que a empatia estava presente em algumas das justificativas com aspectos de conexão com o outro semelhante, assim como a generosidade e a contribuição com o seu conhecimento e sensibilidade a injustiças sociais. O interesse pelos problemas do mundo também pode ser verificado em algumas justificativas do tipo ‘conectado’ e ‘autocentrado com a possibilidade de expansão de si’.

No que se refere às diferenças relevantes entre os sexos, verificamos que o grupo feminino foi o responsável por mais da metade das justificativas de conexão e cuidado com o outro, em que há grande presença de conteúdos solidários e humanísticos (N= 131; 66,5%) e, também, por 67% (N=14) das explanações com elementos de autorrespeito e sentimento de expansão de si próprio. Tais dados sugerem que as adolescentes apresentam mais as perspectivas moral e ética na relação entre suas representações de si positivas e seus projetos de vida do que os participantes do sexo masculino. Referente a isso, alguns estudos apontam para particularidades na moralidade entre as mulheres, ou seja, estas teriam uma inclinação maior à ética do cuidado e os homens à ética da justiça (Gilligan, 1982/2003). Diante disso, o público feminino seria mais empático, sensível às necessidades e cuidados com o outro, além de privilegiar os relacionamentos interpessoais. Segundo Zeidner e Shani-Zinovich (2015), adolescentes israelenses superdotadas e não-superdotadas, exibiram níveis mais altos de autoconceito moral do que seus pares masculinos. Nossos dados sustentam os achados dos pesquisadores citados.

Os resultados encontrados nesta investigação não apresentaram uma diferença relevante (20% ou superior) entre os conteúdos individualistas, hedonistas e ligados à autoestima, e os do tipo solidários, humanísticos e ligados ao autorrespeito. Tais dados sugerem que os juízos dos superdotados acerca das relações entre suas admirações e projeções de si relevam que os mesmos possuem a potencialidade de avaliar a si mesmos e projetar-se no futuro considerando o respeito próprio e o alheio, os valores morais, os referenciais humanistas, solidários e cooperativos. Nos trechos de seus discursos em que justificam o fato de admirarem em si suas virtudes morais vinculadas aos seus projetos de vida de apoio à sociedade e ao outro, parecem explicitar que possuem uma personalidade ética (La Taille, 2016). No entanto, os achados, com a mesma intensidade dos ora analisados, parecem indicar que os nossos adolescentes possuem a capacidade de refletirem sobre si mesmos totalmente destoados das perspectivas ética e moral, demonstrando imagens de si relacionadas a projetos que os auxiliem no sucesso profissional, proporcionem satisfação pessoal, felicidade no sentido epicuriano e com desconsideração do outro como parte importante para a busca da “vida boa”.

Após análise dos nossos resultados, encontramos que apesar das características socioemocionais entre indivíduos com AH/SD, que identificamos como associadas com as virtudes morais, apontadas em nosso estudo e em outros (Correia, 2011; Lima, 2008; Lovecky, 1992; Muñoz, 2007; Silverman, 1994; Virgolim, 2007), os superdotados da nossa investigação não apresentaram uma inclinação mais ética e moral nos seus juízos que relacionaram suas imagens e projeções de si.

Possivelmente, porque, ser identificado como superdotado, com habilidade/potencial cognitivo e/ou criativo acima da média e motivação com a tarefa de seu interesse (MEC, 2008; Renzulli, 2005), não é condição suficiente para o pensar moral e ético que contribua para a busca da “vida boa” e com sentido que considere a si mesmo em uma sociedade de instituições justas (Ricoeur, 2014). Nesse sentido, La Taille (1992, p.21) pontua que “podemos perfeitamente conceber que alguém com todas as condições intelectuais para ser cooperativo resolva não o ser porque o poder da coação lhe interessa de alguma forma.” O autor esclarece que “vale dizer que o desenvolvimento cognitivo é condição necessária ao pleno exercício da cooperação, mas não condição suficiente, pois uma postura ética deverá completar o quadro” (p.21). Contribui para tal entendimento o estudo de Fortes-Lustosa (2004) que mostrou que não se pode afirmar que há uma moral dos superdotados.

Continuando com a explanação do parágrafo anterior, concordamos que “se pensarmos no desenvolvimento como o resultado de um processo de interação entre as estruturas, o organismo e o ambiente, pensaremos que a formação moral se integra por influência social e cultural à estrutura da personalidade dos indivíduos, regulando seus comportamentos” (D’Áurea-Tardeli, 2008, p.291). Portanto, as influências sociais e culturais possuem um papel importante na formação moral e ética do indivíduo. Nesse sentido, não há como ignorar que a cultura capitalista e imediatista que vivemos incentiva a busca por sucesso e benefícios pessoais, visão mais individualista da vida, ou seja, “mesclando busca de status, consumismo, insegurança, autopromoção e valores superficiais, os agentes da atual cultura pressionam os jovens a perseguir vitórias imediatistas, em detrimento de aspirações duradouras” (Damon, 2009, p.123).

Apesar do supramencionado, os dados parecem sugerir que as perspectivas ética e moral estão presentes, ainda que não em sua maioria, nas relações entre as representações de si positivas e os projetos de vida dos superdotados. Assim como Tognetta e La Taille (2008, p.187), concluímos que “nossos dados revelam uma visão otimista de que é possível que os jovens possam integrar as virtudes morais ao que admiram, embora haja um bombardeio de contra-virtudes em sua formação atual.” No nosso caso, as virtudes morais integradas às suas admirações e projeções de si, fato que parece indicar potencialidade de nossos participantes construir personalidades éticas. Contudo, a presença com proporção similar de conteúdos individualistas, hedonistas e ligados à autoestima, suscitam a necessidade de políticas públicas educacionais que incentivem espaços de discussão na escola sobre questões éticas e morais, assim como motivem a formação de personalidades éticas e projetos de vida éticos entre os jovens. Além disso, tais ações podem favorecer o desenvolvimento global de adolescentes, uma vez que, como vimos na introdução, os projetos vitais colaboram com a formação da identidade, e esta, por sua vez, reforça o comprometimento dos jovens com as suas projeções, sendo que, juntos, eles participam de crenças e objetivos que são significativos para os jovens (Bronk, 2011) e, conseqüentemente, para o bom convívio em sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa analisou as possíveis relações entre as admirações e projeções de si de adolescentes superdotados e verificou que há relação positiva entre a maioria das imagens de si dos participantes e grande parte de seus projetos de vida. Referente a isso, os argumentos dos

superdotados apontaram para valorizações de suas características de personalidade, suas aptidões de relacionamento e suas virtudes morais associadas aos seus projetos de sucesso profissional e afetivo, possibilitados, principalmente, por meio do estudo, e de constituição e/ou auxílio a família.

No que diz respeito as justificativas para as relações entre as admirações e projeções de si, verificamos que os superdotados apresentaram argumentos vinculados tanto a referenciais humanísticos, solidários, coletivos, sem perder de vista o autorrespeito, quanto a uma abordagem individualista, hedonista e ligada à autoestima. Diante disso, constatamos que não houve diferença relevante entre conteúdos éticos e não éticos; portanto, não podemos afirmar que os superdotados possuem uma tendência mais ética do que individualista, ou vice-versa, nas justificativas que relacionam suas representações de si positivas e seus projetos de vida.

Apesar disso, observamos que o grupo feminino apresentou uma perspectiva mais ética do que individualista em seus argumentos, reforçando, como apontado por Gilligan (1982/2003), que as mulheres parecem possuir uma voz moral diferenciada dos homens, sendo esta mais relacionada ao cuidado, empatia, compaixão e mais voltada aos relacionamentos interpessoais. Como nosso estudo não teve por objetivo investigar possíveis diferenças quanto ao sexo nos temas e público que pesquisamos, sugerimos estudos futuros que estudem com profundidade sobre a moralidade, as representações e as projeções de si do público masculino e feminino superdotado.

Concernente à nossa pesquisa, observamos algumas limitações, ou seja, a condução da investigação em dois diferentes momentos, com um espaço de no mínimo um ano, teria auxiliado verificar a conservação ou não dos resultados encontrados na primeira entrevista. Também identificamos que um número maior de participantes teria enriquecido nossa discussão e conclusões, principalmente as relacionadas às possíveis diferenças relevantes entre os sexos. Ainda assim, com os devidos ajustes, consideramos que o nosso estudo pode ser reproduzido com outros públicos da educação especial, adolescentes de diferentes contextos socioculturais, adultos, idosos, jovens do sexo feminino ou masculino, adolescentes em conflito com a lei, entre outros.

Por fim, consideramos que os dados sugerem que, mesmo em meio a uma sociedade imediatista, capitalista (Damon, 2009) e de contra virtudes (Tognetta & La Taille, 2008), os nossos participantes possuem a potencialidade de integrar suas virtudes morais ao que admiram em si articuladas com seus projetos futuros, indicando potencialidade de construir personalidades éticas. Verificamos isso nos argumentos com teor humanístico, solidário e com autorrespeito. Mesmo assim, os argumentos com conteúdos não éticos chamam a atenção para a necessidade de intervenções psicopedagógicas em que as questões morais e éticas sejam trabalhadas com nossos jovens. Portanto, almejamos que nosso estudo contribua para a instituição de um ambiente de debate na escola, através da formação de grupos de discussão sobre questões sociais, ambientais, científicas e morais, fomentando jovens a pensarem em si mesmos com o outro em uma sociedade igualitária e com instituições justas (Ricouer, 2014). Também esperamos que nossa investigação coopere com ações psicopedagógicas que motivem sentimentos de expansão de si próprio, representações de si positivas e projetos de vida cooperativos, solidários, e que preparem cidadãos preocupados com o bem-estar futuro da humanidade. Além disso, ensejamos que do nosso estudo, outros investigadores sejam impulsionados a pesquisarem o público das AH/SD, considerando outras esferas de seu desenvolvimento, como a moral e a afetiva.

## 6 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Portanto, agradecemos à CAPES por tal incentivo. Também agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) pelo apoio financeiro e à Mayara Gama de Lima pela participação na categorização dos dados deste trabalho. Por fim, somos gratas aos participantes da pesquisa que originou este artigo, aos seus pais/responsáveis, às instituições e profissionais envolvidos no processo de coleta dos dados.

## 7 REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S. (2007). Características sócio-emocionais do superdotado: Questões atuais. *Psicologia em estudo*, 12(2), 371-378. doi: 10.1590/S1413-73722007000200018.
- Andrade, A. N. (2012). *Ecossistema do Silêncio: Juízos de surdos no âmbito da formação superior sobre projetos de vida e humilhação nas perspectivas moral e ética*. Tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Andrade, A. N.; Alencar, H. M. de, & Salles, A. M.B. (2018). Projeções de si no futuro de universitários e egressos surdos. *Psicologia da Educação*, 46(1), 41-50. Doi: 10.5935/2175-3520201800005.
- Bronk, K. C. (2011). The role of purpose in life in healthy identity formation: A grounded model. *New Directions for Youth Development*, 2011(132), 31-34. doi: 10.1002/yd.426.
- Chagas, J. F., & Fleith, D. S. (2010). Habilidades, características pessoais, interesses e estilos de aprendizagem de adolescentes talentosos. *Psico-USF*, 15(1), 93-102. doi: 10.1590/S1413-82712010000100010.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Recuperado de [http://www.crp.org.br/portal/orientacao/codigo/fr\\_codigo\\_etica\\_new.aspx](http://www.crp.org.br/portal/orientacao/codigo/fr_codigo_etica_new.aspx).
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução Nº 466*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Correia, G. B. (2011). *O autoconceito de estudantes com altas habilidades/superdotação na vivência da adolescência*. Tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Cortella, M. S., & La Taille, Y. (2006). *Nos labirintos da moral* (3a ed.). Campinas, SP: Papyrus.
- Cruz, C. (2014). *Serão as altas habilidades/superdotação invisíveis?* Tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- D'Áurea-Tardeli, D. (2008). A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo Sobre a Personalidade Moral. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (2), 208-303. doi: 10.1590/S1414-98932008000200006.
- D'Áurea-Tardeli, D. (2011). *Solidariedade e projeto de vida: A construção da personalidade moral do adolescente*. Campinas: Mercado de Letras.

- Damon, W. (2009). O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. (J. Valpassos, trad.). São Paulo, Summus. (Trabalho original publicado em 2008).
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: Descobrimos o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Epicuro. (2002). *Carta sobre a felicidade: A Meneceu* (A. Lorencini & E. D. Carratore, trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em n.d.)
- Fortes-Lustosa, A. V. M. (2004). *A moral em superdotados: Uma nova perspectiva*. Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Gilligan, C. (2003). *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Massachusetts, EUA: Harvard University Press (Obra original publicada em 1982).
- Gilligan, C. (2014). Moral injury and the ethic of care: reframing the conversation about differences. *Journal of Social Philosophy*, 45(1), 89–106.
- Jeong, C., & Han, H. (2013). Exploring the relationship between virtue ethics and moral identity. *Ethics & Behavior*, 23 (1), 44-56. doi: 10.1080/10508422.2012.714245.
- La Taille, Y., de & Madeira, E. (2004). *Moralidade e violência: A questão da legitimação de atos violentos*. São Paulo: Fapesp.
- La Taille, Y. (1992). O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In Y. La Taille, M. K. de Oliveira, & H. Dantas, *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão* (15a ed.) (pp. 11-21). São Paulo, SP: Summus.
- La Taille, Y. (1994). Prefácio à edição brasileira. In J. Piaget, *O juízo moral na criança* (2a ed.) (E. Leonardon, Trad.) (pp. 07-20). São Paulo, SP: Summus. (Obra original publicado em 1932).
- La Taille, Y. (2002). O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 13-25. doi: 10.1590/S0102-79722002000100003.
- La Taille, Y. (2004). *Vergonha, a ferida moral* (2a ed.). São Paulo, SP: Vozes.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- La Taille, Y. (2007). Desenvolvimento humano: Contribuições da Psicologia Moral. *Psicologia USP*, 18 (1), 11-36. doi: 10.1590/S0103-65642007000100002.
- La Taille, Y. (2009). Prefácio. In L. R. P., Tognetta, *Perspectiva ética e generosidade* (pp. 15-18). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- La Taille, Y. (2010). Moral e Ética: Uma leitura psicológica. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26 [num. esp.], 105-114. doi: 10.1590/S0102-37722010000500009.
- La Taille, Y. (2016). Moral e ética no mundo contemporâneo. *Revista USP*, 110, 29-42. doi: 10.11606/issn.2316-9036.v0i110p29-42.
- Lima, D. M. M. P. (2008). *A identificação e inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação na rede pública de ensino do estado do Paraná: Orientação para professores*. Programa de Desenvolvimento Educacional, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Recuperado de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1075-2.pdf>.
- Lovecky, D. V. (1992). Exploring social and emotional aspects of giftedness in children. *Roeper Review*, 15 (1), 18-25. doi: 10.1080/02783199209553451.

- Menezes, L. O., & Trevisol, M. T. C. (2014). Adolescentes e projetos de vida: um estudo com alunos do 1º ano do ensino médio. *Leopoldianum*, 40 (110/111/112), 13-24. Recuperado de <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/479/440>.
- Ministério da Educação (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>
- Miranda, F. H. F., & Alencar, H. M. de. (2015). Projetos de vida na adolescência: um estudo na área da ética e da moralidade. *Diaphora*, 15(2), 27-33. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/107/120>.
- Muñoz, G. G. (2007). Niños superdotados (I). *Boletim SPAO*, 1 (2), 14-19.
- Padilla-Walker, L. M., & Fraser, A. M. (2014). How much is it going to cost me? Bidirectional relations between adolescents' moral personality and prosocial behavior. *Journal of Adolescence*, 37, 993-1001. doi: 10.1016/j.adolescence.2014.07.008.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Leonardon, Trad.). São Paulo, SP: Summus. (Obra original publicada em 1932).
- Renzulli, J. S. (2004). O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Revista Educação*, 53 (1), 75-131. Recuperado de: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/375/272>.
- Renzulli, J. S. (2005). The Three-Ring conception of giftedness. A developmental model for promoting creative productivity. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2a ed.) (pp. 246-279). New York, NY: Cambridge University Press.
- Ricoeur, P. (2014). O si e a visada ética. In P. Ricoeur, *O si-mesmo como outro* (I. C. Benedetti, Trad.) (pp. 183-225). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Salles, A. M. B., & Alencar, H. M. de. (2018a). Representações de si de adolescentes com indícios de altas habilidades/superdotação: um estudo no campo da psicologia da moralidade. *Veredas Favip-Revista Eletrônica de Ciências*, 11 (1), 120-141.
- Salles, A. M. B., & Alencar, H. M. de. (2018b). Projetos de vida e moralidade em adolescentes com indícios de altas habilidades/superdotação. *Revista de Psicologia*, 36(2), 491-524. doi: 10.18800/psico.201802.004.
- Silverman, L.K. (1994). The moral sensitivity of the gifted children and the evolution of society. *Roeper Review*, 17 (2), 110-116. doi: 10.1080/02783199409553636.
- Tognetta, L. R. P., & La Taille, Y. (2008). A formação de personalidades éticas: Representações de si e moral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 181-188. doi: 10.1590/S0102-37722008000200007.
- Tognetta, L. R. P. (2009). *Perspectiva ética e generosidade*. São Paulo, SP: Mercado de Letras.
- Tognetta, L. R. P. (2012). *A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com afetividade na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Virgolim, A. M. R. (2007). *Altas Habilidades/Superdotação: Encorajando potenciais*. Brasília, DF: MEC/SEESP. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab1.pdf>.
- Zeidner, M., & I. Shani-Zinovich. (2015). A comparison of multiple facets of self-concept in gifted vs. non-identified Israeli students. *High Ability Studies*, 26(2), 211-226.